



# O Trigo e o Joio: TEMPOS DE MUDANÇA OU MUDANÇA DE PRINCÍPIOS?

Coronel John Mark Mattox, Exército dos EUA

*O Coronel John Mark Mattox é Comandante da Escola de Armas Nucleares de Defesa em Albuquerque, no Novo México. É bacharel em Linguística Teórica pela Brigham Young University, mestre pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA, mestre pela Escola de Guerra do Exército dos EUA e mestre e doutor em Filosofia pela Indiana University. Integrou o corpo docente da Academia Militar dos EUA, da Maryland University e da Escola da OTAN e é autor de inúmeras publicações, incluindo St. Augustine and the Theory of Just War (Londres: Continuum Publishers, 2006)*

*Pintura: Vercingétorix joga suas armas aos pés de Júlio César, por Lionel Royer, 1899, Museu de Crozatier em Puy-em-Velay, na França. Os princípios de guerra são tão válidos hoje como eram na conquista da Gália por César em 52 a.C. César era dotado de um talento instintivo para os princípios de guerra, da mesma forma que Alexandre e Aníbal, séculos antes dele, e Gengis Khan, Napoleão e outros, séculos depois. Conforme as técnicas mudaram, os princípios permaneceram válidos.*

**A** DECLARAÇÃO FEITA EM 2001 pelo antigo Secretário de Defesa Donald Rumsfeld de que os Estados Unidos estão engajados em “um novo tipo de guerra” parecia constituir um sinal claro dos níveis mais altos do governo de que os tempos mudaram e, conseqüentemente, a nação deve abordar o empreendimento da guerra de forma diferente da realizada na memória recente — ou talvez em todos os tempos.<sup>1</sup> Essa declaração e os eventos que a provocaram chegaram na esteira de uma transformação militar — uma transformação que colocou todos os aspectos da cultura militar na mesa para um reexame: desde o desenvolvimento da força ao financiamento, guarnecimento de tropas, aquisição, treinamento, execução e o que constitui “ganhar” a guerra ou a paz. É uma transformação que continua até hoje.

## O Turbilhão da Mudança

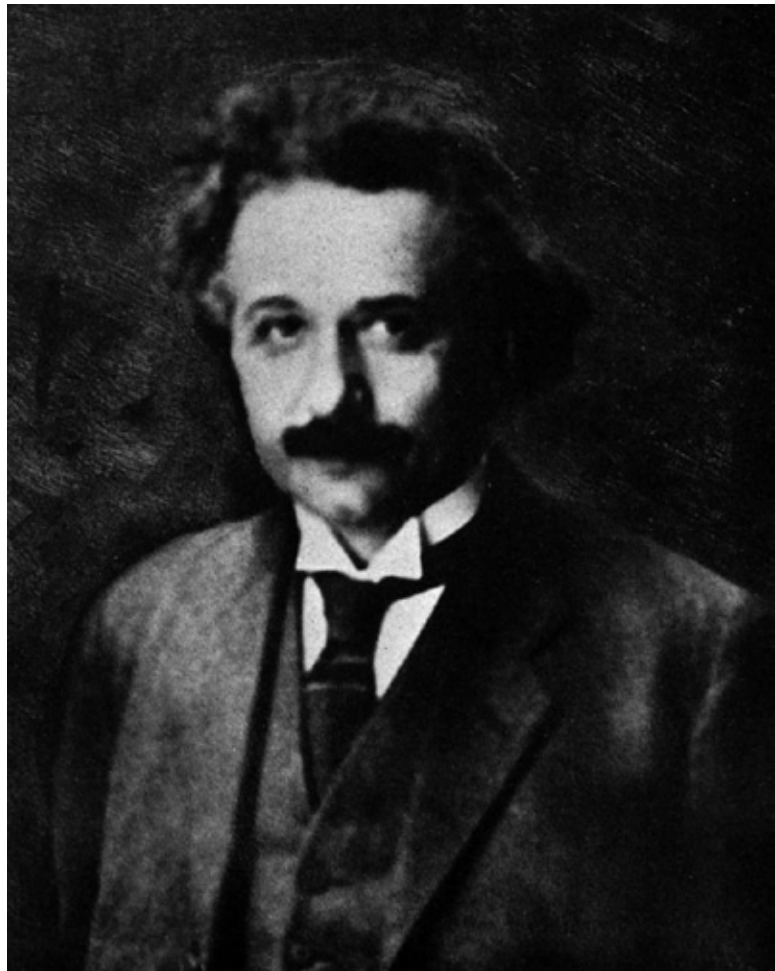
Diante dessa ampla mudança, pouco surpreende que alguns questionem se alguma coisa permanece igual. O antigo filósofo Heráclito poderia muito bem ter pensado no estabelecimento da defesa dos EUA quando observou que não se pode entrar duas vezes no mesmo rio. Contudo, embora Heráclito talvez estivesse certo, observadores que reflitam sobre as mudanças hoje em curso fariam bem em sondar qual é — ou *deveria* ser — a profundidade real da correnteza da mudança. É possível para uma instituição burocrática e em franca expansão como as forças militares se transformar de verdade a não ser que mude os princípios de guerra que regem a sua função? A resposta a essa pergunta depende, realmente, do que se quer dizer com “princípios”. Entendidos corretamente, os princípios mais básicos expressam as ideias fundamentais e de ordenamento do mundo: a base intelectual. Entretanto, chegar a essa base exige que se atravessem várias camadas de princípios de apoio cada vez mais fundamentais. Assim, não faz

sentido pesquisar se os princípios mudaram ou devem mudar sem especificar o nível exato do discurso a ser focado. Esse ponto não é trivial, porque, se os praticantes da profissão das armas ficarem confusos a ponto de não poderem identificar claramente a camada de princípios em consideração e a razão — se houver — por que esses princípios devem mudar, arriscam marchar, zarpar ou voar do ponto de partida errado em sua jornada de transformação rumo a um destino completamente incerto. Na camada mais básica, as ideias que constituem e reforçam os princípios de guerra *não* mudaram, e é importante entender por quê.

### O Que É e o Que Não É um Princípio

Além do fato de que nem todos os princípios são igualmente fundamentais, também é verdade que nem todos os conceitos honrados com a designação de “princípio” são princípios de verdade. Algumas das convicções mais arraigadas são simplesmente falsas, mesmo que, dadas as informações disponíveis, pareçam verdadeiras. Por exemplo, a ideia de Tales de Mileto — o pai da filosofia ocidental — de que tudo é água parecia fazer sentido científico na época. Podia-se apontar para lagos, rios, oceanos, nuvens, vapor de água, neve e gelo — todos, água; observar facilmente a mudança dessa água de um estado para outro; e concluir que tudo pode, de fato, ser redutível à água. Parece que Tales e seus discípulos acreditavam ser esse o “princípio” de ordenamento que regia toda a sua concepção científica do mundo. A descoberta posterior de que estavam errados não significava que um princípio tinha mudado. Ao contrário, significava que uma ideia tida por eles como princípio não era, na verdade, um princípio de modo algum!

Embora ideias que se revelam, de fato, princípios sejam sempre verdadeiras dentro de sua esfera de aplicação, novas descobertas ou mudanças de circunstâncias, que se tornam evidentes com o passar do tempo, exigem a redefinição de seu âmbito. Ou seja, um princípio pode permanecer verdadeiro dentro de certos limites, mas não se mostrar tão amplo em sua aplicação como se pensava anteriormente. A revolução científica que marcou o surgimento da física de Einstein a partir da física newtoniana é um bom exemplo: a famosa fórmula de Newton,  $F=ma$ , foi, durante muito tempo, considerada a lei universal da mecânica. Contudo, Einstein depois argumentou persuasivamente que a fórmula de Newton não funciona com velocidades próximas da velocidade da luz. A fórmula de Einstein,  $E=mc^2$ , estabelece uma relação que compensa as



Nascido na Alemanha, o físico teórico Albert Einstein (14 de março de 1879 - 18 de abril de 1955) é mais conhecido por sua teoria da relatividade e equivalência massa-energia, expressa pela equação  $E = mc^2$ .

**... observadores sobre as mudanças hoje em curso fariam bem em sondar qual é — ou deveria ser — a profundidade real da correnteza de mudança.**

deficiências da declaração anterior de Newton. Isso não significa que a fórmula  $F=MA$  seja falsa ou desprovida de valor prático. Ao contrário, continua a ser de grande valor numa esfera bastante ampla de aplicabilidade. É, afinal, o princípio que utilizamos para construir estradas e arranha-céus, projetar automóveis e fazer um bilhão de outras coisas parecidas. Sua aplicação é, porém, de âmbito mais limitado do que se pensava anteriormente. Não obstante, uma mudança no âmbito de aplicação de um princípio particular não significa necessariamente que ele não seja um verdadeiro princípio ou que indique uma mudança no próprio princípio.

Uma vez que os princípios verdadeiros não mudam, a pergunta “Os princípios de guerra mudaram?” não equivale (usando um exemplo do debate contemporâneo sobre engenharia genética) a “Testemunhamos hoje desdobramentos até agora não vistos que nos levarão a repensar como fazemos as coisas?”, mas sim a “A estrutura de dupla hélice da molécula de DNA se transformou em algo até agora desconhecido?” Assim, para dissecar devidamente a pergunta, é preciso primeiro indagar: “os princípios atualmente em uso são *princípios verdadeiros* e, caso afirmativo, ainda possuem a devida “abrangência” para as tarefas de combate atuais e para as que podem ser razoavelmente previstas para o futuro?”

## **Principium ou Technê?**

A palavra inglesa “principle” (princípio) estreou no final do século XIV, significando

**... nem todos os conceitos honrados com a designação de “princípio” são princípios de verdade.**

“uma verdade ou proposição fundamental, da qual muitas outras dependem; uma verdade primordial que compreende ou forma a base de várias verdades”.<sup>2</sup> A palavra deriva do latim *principium*, cujo plural (*principia*) se refere, curiosamente, à área principal de um acampamento de um exército — os alojamentos do estado-maior e do general comandante.<sup>3</sup> Assim, mesmo em seu significado histórico, um princípio, ou *principium*, é o que guia as forças militares na direção que devem tomar para alcançar o êxito. Na tradição militar americana, nove conceitos (objetivo, simplicidade, unidade de comando, ofensiva, manobra, massa, economia de forças, surpresa e segurança) receberam a designação de “princípios de guerra” — conceitos que as forças militares devem observar para serem bem-sucedidas. Esses princípios são importantes, testados pelo tempo e relevantes. São princípios exatamente porque seu papel fundamental foi evidente durante todo o registro histórico da guerra e porque não há razão para acreditar — mesmo nos cenários mais fantasiosos e imaginativos da ficção científica — que algum dia deixarão de ser aplicados aos conflitos futuros.

No entanto, isso não significa que o âmbito ou valor relativo de um ou outro desses princípios não possa ou não vá mudar conforme as circunstâncias evoluírem. De fato, hoje mesmo, estão evoluindo. Por exemplo, talvez se esperasse que um assalto blindado bem-sucedido do Pacto de Varsóvia, do tipo previsto para passar pelo Passo de Fulda, dependesse fortemente de objetivo, ofensiva e massa. A teoria era lançar um número suficiente de carros de combate contra as forças da OTAN e, caso não houvesse surpresa alguma, alguns carros de combate do Pacto de Varsóvia decerto abririam caminho. Contudo, esse assalto dependeria proporcionalmente menos de manobra, economia de forças ou surpresa. Por outro lado, um ataque cibernético eficaz no futuro talvez se baseie, em grande parte, em surpresa, segurança e economia de forças, mas não dependa de forma significativa de massa, manobra ou unidade de comando. Os princípios podem diferir em âmbito ou aplicação, com base nas circunstâncias, mas não se sente necessidade alguma de pôr em dúvida a verdade ou validade dos próprios princípios.



A necessidade de “redefinir o âmbito”, “restabelecer prioridades” ou atribuir novos valores relativos aos princípios verdadeiros não deve fazer com que se equipare *principia* com *technē* — o antigo conceito grego para a arte, modo ou meio pelos quais os princípios são aplicados na prática e que é a raiz histórica da palavra inglesa *technique* (técnica). Muito do que testemunhamos nos campos de batalha contemporâneos — no Iraque, por exemplo — enfocam mudanças de *technē*, ou “táticas, técnicas e procedimentos”, como é frequentemente chamada na profissão das armas. Assim, ao encarregar as forças armadas e a base de apoio industrial da nação de desenvolverem “novas tecnologias... para redefinir a guerra segundo nossos termos”, o Presidente convoca explicitamente as Forças Armadas a examinar suas *technē* — as ferramentas à sua disposição — para assegurar que estas, sejam elas mecânicas ou processuais, estejam adequadas à tarefa.<sup>4</sup> De fato, como estamos aprendendo, uma redefinição de nossa *technē* se faz necessária. Por exemplo, havia pouca necessidade de viaturas sobre rodas de alta mobilidade e de finalidades múltiplas (*High Mobility Multipurpose Wheeled Vehicle* — *HMMWV*) no cenário do Passo de Fulda, ou mesmo no da Operação *Desert Storm*, em comparação à Operação *Iraqi Freedom*, na qual há considerável necessidade delas. Embora o princípio de “segurança” se aplique em todos esses três cenários, a *technē* necessária para implementar o princípio difere bastante entre os dois primeiros casos e o último.

Os nove princípios de guerra continuam a ser tão fundamentais e aplicáveis como sempre. Toda vez que há uma revolução em assuntos militares, questiona-se se os princípios realmente mudaram ou se a mudança é simplesmente, ou em grande parte, uma reordenação da *technē*. A resposta é sempre a mesma: a evolução da pedra e estilingue para a espada e escudo, lança e azagaia, arco simples ou arco longo ou besta, mosquete ou fuzil ou canhão ou foguete, bomba atômica ou ogiva termonuclear, satélites ou lasers ou ataques cibernéticos: *todos eles* operam com base nos mesmos princípios de guerra, embora reordenados segundo sua importância relativa.

## Cavando mais fundo

No entanto, do mesmo modo que os movimentos das placas tectônicas podem mudar a forma do leito rochoso de maneiras nem sempre previstas, é recomendável que se considere a estabilidade de estratos ainda mais profundos de princípios pertinentes à profissão das armas antes que se possa dizer, com confiança, que os princípios que sustentam a profissão não estão passando por uma mudança. Assim, para encontrar uma resposta realmente interessante e não trivial à pergunta “os princípios de guerra mudaram?”, é preciso cavar mais fundo. Da mesma forma que milhares de *technē* individuais derivam dos princípios de guerra tradicionalmente aceitos, estes, por sua vez, derivam de princípios ainda mais fundamentais, como a frequentemente citada (e muitas vezes mal-entendida) afirmação de Clausewitz que “A Guerra é... um ato de força para compelir o nosso inimigo a fazer a nossa vontade”.<sup>5</sup> Aqui, Clausewitz observa que o instrumento militar do poder nacional é simplesmente um meio entre muitos (i.e., diplomático, informativo, econômico, etc.) que pode ser aplicado à tarefa de persuadir outra potência a se submeter à “nossa vontade”. É um instrumento grosseiro, exatamente como demonstrado pelos nove princípios de guerra. No entanto, o próprio fato de que um instrumento rude é, às vezes, necessário demonstra o princípio ainda mais fundamental de que a liberdade da vontade humana é inviolável: nenhum indivíduo ou nação pode realmente forçar qualquer outro indivíduo ou nação a agir contra a própria vontade. Os primeiros só podem argumentar, convidar, persuadir, seduzir ou — caso falhem os métodos baseados no emprego de instrumentos mais delicados — induzir tal grau de dor física por meio do combate que os últimos concluem que não vale a pena resistir à vontade dos primeiros. É nesse princípio, elucidado por Clausewitz, que os nove princípios de guerra tradicionais se assentam, e absolutamente nada mudou com respeito a isso. As guerras sempre foram, e sempre serão, por uma questão de princípio, ferramentas para infligir dor insuportável de modo que a resistência contra a “nossa vontade” deixe de parecer uma opção viável para o adversário.

## E Mais Fundo

No entanto, por mais profundo que seja, o argumento de Clausewitz não nos permite chegar até os princípios mais básicos que se encontram no leito rochoso. Assim, subjacente à pergunta “Os princípios da guerra mudaram?”, há outra ainda mais fundamental: “Por que os EUA se sentiriam justificados de usar o instrumento rude do poder militar em primeiro lugar?” E, subjacente a essa pergunta, há outra: “Que princípios fundamentais regem a visão de mundo dos EUA — uma visão de mundo que inclui o possível emprego da guerra como instrumento do poder nacional?” Se os princípios de guerra realmente mudaram, deve ser em virtude dos movimentos tectônicos nas respostas a essas perguntas mais básicas no fundo oceânico, e não por causa de tempestades tropicais na superfície, por mais danosas que estas pareçam ser.

Desde os seus primórdios, os EUA adotaram, por uma questão de princípio, a crença de que há alguns valores (como a autodeterminação individual ou coletiva, justiça ou igualdade) pelos quais vale a pena lutar. Assim, a nação sentiu, de tempos em tempos, que era justificado empregar o instrumento do poder militar para infligir dor aos adversários a tal ponto que eles preferissem mudar de vontade e se render, ou até se conformar a esses valores, que continuar a lutar. Isso não implica que os EUA sempre foram perfeitos em avaliar quando, onde ou como lutar. Implica, porém, que, em conformidade com seus valores fundamentais — seu princípio mais arraigado — os EUA concluíram, às vezes, que ir à guerra era o melhor caminho a seguir por uma questão de política nacional.

Mesmo assim, a decisão dos EUA de ir à guerra nunca deixou de ser limitada pela fidelidade a princípios do caráter mais fundamental, a saber: o país nunca travou uma guerra desprovida de restrições morais. Pelo contrário, sempre invocou princípios referentes às circunstâncias em que as guerras poderiam ser travadas

justamente e, uma vez começadas, a maneira como poderiam ser executadas justamente. Esses princípios, incorporados na tradição da guerra justa adotada pelos EUA, sustentam que as guerras só devem ser travadas por causas justas, com a intenção certa, como último recurso, pela restauração de uma paz justa e duradoura e somente depois de concluir, na avaliação da nação, que o bem moral que se espera como resultado da guerra será maior que o mal que ela inevitavelmente acarretará. Esses princípios mais fundamentais também amparam os axiomas de que uma guerra pode ser executada justamente se, e somente se, inflige apenas danos proporcionais aos adversários, em conformidade com o princípio da necessidade militar, e se, e somente se, diferencia entre os não combatentes e os objetos legítimos da violência militar. O fato de que os EUA não tenham, em termos de *technē*, alcançado a perfeição moral na maneira como abordam ou executam a guerra não implica que os princípios que caracterizam o modo americano de guerra tenham mudado ou devam ser mudados. (Note-se o protesto público que explode quando se sugere que um soldado norte-americano talvez tenha maltratado um detido iraquiano ou disparado contra um não combatente. Jamais se ouviu protesto desse tipo por parte de membros do Baath do regime de Saddam Hussein como resultado da autocritica moral, porque parece que nunca ocorreu autocritica alguma!)

O fato é que, quanto mais se cava sob a *technē* da guerra, mais óbvio fica que os princípios de guerra dos EUA não mudaram. Os nove princípios do campo de batalha ainda se aplicam; o princípio de Clausewitz que descreve o emprego do instrumento militar do poder nacional ainda se aplica; e os princípios morais e filosóficos que sustentam e limitam os aspectos mais relacionados à consciência de uma decisão nacional de ir à guerra e, uma vez comprometidos com a luta, executar a guerra

***As guerras sempre foram, e sempre serão, por uma questão de princípio, ferramentas para infligir dor insuportável de modo que a resistência contra a “nossa vontade” deixe de parecer uma opção viável para o adversário.***

de forma moralmente correta, permanecem, para todos os efeitos, intocados pela correnteza generalizada e incessante de mudança que parece tipificar o alvorecer do terceiro milênio da era cristã.

## Em Suma

Supor que os princípios mudaram só porque a ordem do dia requer que se realizem operações de cerco e busca casa por casa, em vez de uma batalha de carros de combate ao estilo da Operação *Desert Storm* contra as Guardas Republicanas, é pura insensatez. Os pretensos especialistas dos programas de debate das manhãs de domingo que disserem o contrário serviriam melhor ao público se admitissem que suas análises se destinam apenas a ser análises superficiais adequadas a transmissões de curta duração. De fato, é absolutamente *essencial* que os tomadores de decisão em toda a cadeia de comando e até o nível mais alto do governo entendam claramente *que nenhum princípio mudou*. Esse é o caso porque, embora as decisões baseadas na percepção de necessidade de mudar *technē* causem movimentos — até grandes movimentos — no leme do navio do Estado, as decisões baseadas nas supostas mudanças de princípios indicam que passamos a acreditar que é preciso formular respostas totalmente novas às perguntas mais fundamentais sobre as quais nossa democracia e estilo de vida se baseiam. As forças singulares precisam se transformar. Precisam sempre buscar modos mais eficientes para usar seus recursos mediante a aplicação das soluções certas para os desafios que enfrentam. Precisam sempre buscar formas para ser mais eficazes na maneira como travam guerras de modo a levar essas guerras, travadas justamente, a uma conclusão rápida e pacífica. Talvez seja preciso “redefinir o âmbito” de alguns princípios em termos de sua esfera de aplicação, para fazer, por exemplo, com que os treinandos destinados a se tornarem combatentes de rua no Iraque entendam que “unidade de comando” não implica a falta de oportunidade para a iniciativa. Contudo, essas necessidades sempre existiram. Não há nada de realmente novo em relação a elas, e nada mudou realmente.

Por exemplo, as forças militares podem resolver os problemas de quantidade e qualidade

inadequadas de blindagem veicular. Pode-se ter certeza de que o inimigo insurgente também trabalhará duro para desenvolver a *technē* para neutralizar a eficácia de qualquer solução. As forças militares podem desenvolver, então, outra *technē* para superar as contramedidas dos insurgentes, quaisquer que sejam elas; e assim por diante. Contudo, nada terá mudado no nível de princípio verdadeiro.

O mesmo se aplica às camadas mais fundamentais do discurso. A guerra continua a ser o que sempre foi: uma ferramenta que causa dor utilizada para persuadir os adversários a submeter sua vontade à “nossa vontade”. Mais importante, porém, é compreender que nada mudou na camada mais fundamental dos princípios, isto é, os princípios que especificam as circunstâncias nas quais os americanos devem ir à guerra e como e dentro de que limites morais eles a executarão. A tarefa é que os EUA se mantenham fiéis aos seus princípios testados pelo tempo e *não* que mudem os seus princípios ou procedam com base na premissa de que eles mudaram. De fato, para que os EUA se mantenham fiéis à elevada vocação concebida pelos seus fundadores — a de “uma cidade sobre uma colina”, um farol a ser seguido — a tentação de mudar seus princípios de guerra mais fundamentais é algo contra o qual a nação deve se proteger com cuidado e zelo.<sup>6</sup> Se a nação ou suas forças armadas decidirem mudar os princípios quando só é preciso ajustar sua *technē*, acabarão, na verdade, arrancando o trigo junto com o joio. **MR**

---

## REFERÊNCIAS

1. RUMSFELD, Donald H. “A New Kind of War” (palestra conforme publicada pelo *The New York Times*, quinta-feira, 27 de setembro de 2001). Disponível em: [www.defenselink.mil/speeches/2001/s20010927-secdef](http://www.defenselink.mil/speeches/2001/s20010927-secdef). Acesso em: 4 de junho de 2004.
2. *Oxford English Dictionary* 2ª Edição, s. v. Principle.
3. *Oxford English Dictionary* 2ª Edição, s. v. Principium.
4. Presidente George W. Bush. “Remarks by the President to the Employees of United Defense Industries Ground Systems Division”, Santa Clara, Califórnia, 2 de maio de 2003. U.S. Department of State International Information Programs. Disponível em: [www.usinfo.state.gov/cgibin/washfile/display.pl?p=/archives/products/washfile/latest/2003/may&cf=03050204.tlt&ct=/products/washfile/architem](http://www.usinfo.state.gov/cgibin/washfile/display.pl?p=/archives/products/washfile/latest/2003/may&cf=03050204.tlt&ct=/products/washfile/architem). Acesso em: 11 de janeiro de 2005.
5. CLAUSEWITZ, Carl Von. *On War* [Livro 1, Capítulo 1, 2º Parágrafo], editado e traduzido por Michael Howard e Peter Paret (Princeton: Princeton University Press, 1976), p. 75.
6. BENÉT, Stephen Vincent. “Pilgrims’ Passage”.